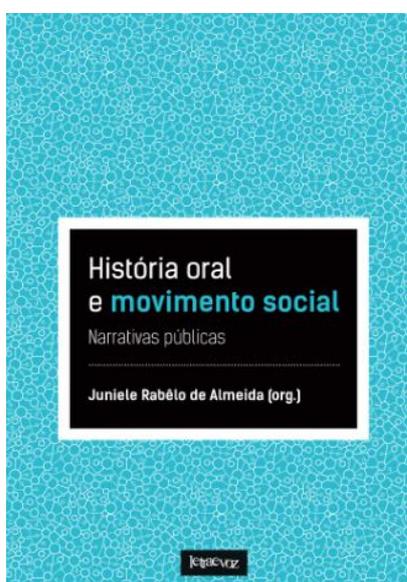


## RESENHA

**HISTÓRIA ORAL E MOVIMENTO SOCIAL: NARRATIVAS PÚBLICAS**Bárbara Oliveira de Morais<sup>1</sup>

ALMEIDA, Juniele Rabêlo de (Org). **História oral e movimento social: Narrativas públicas**. São Paulo, Letra e Voz, 2016, 168 p. ISBN: 978-85-62959-44-8.



Publicado em 2016, o livro “História oral e movimento social: Narrativas públicas” foi organizado pela professora Juniele Rabêlo de Almeida, Pesquisadora no Laboratório de História Oral e Imagem (LABHOI/UFF) e Professora do Departamento de História na Universidade Federal Fluminense (UFF).

Uma das questões principais da obra se referiu a sensibilidade dos autores ao utilizarem da história oral como ferramenta para construção das entrevistas.

Embora seja um livro com 168 páginas e apenas sete artigos, o leitor tem um conjunto robusto de experiências retratadas a partir das narrativas, tendo acesso a um conjunto de lembranças, cicatrizes e divulgação de informações que ao serem compartilhadas contribuem para que a construção dessas narrativas por meio de fontes orais possa ganhar mais fôlego, auxiliando na construção desses sujeitos.

Neste sentido, essa resenha tem como objetivo principal discorrer brevemente sobre as principais características da obra, a partir da exposição concisa de cada capítulo com os apontamentos que se julgou serem relevantes.

A primeira parte do livro intitulada “*Trajetórias de vida: Mulheres para além dos movimentos*”, contou com dois textos que se relacionam a partir da divulgação dos acontecimentos, impressões e sentimentos que por tanto tempo foram silenciados.

<sup>1</sup> Mestre em Práticas em Desenvolvimento Sustentável (UFRRJ). Rio de Janeiro/RJ. E-mail: [bomora@gmail.com](mailto:bomora@gmail.com) Lattes iD: <http://lattes.cnpq.br/1459514405004604>. Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-6089-7134>.

Ao publicar as narrativas de mulheres, tanto no texto “A Coragem do afeto: memórias femininas sobre a greve de Osasco, em 1968” (pág. 15), de autoria de Marta Gouveia de Oliveira Rovai, quanto no texto “Movimento feminismo pela anistia e o humanismo intransigente de Helena Greco” (pág. 37), de autoria de Lucília de Almeida Neves Delgado, oportunizaram que através desses registros sensíveis, parte de suas histórias de vida fossem recuperadas.

Ambos os textos trataram da resistência feminina, de mulheres que ao se envolverem com movimentos políticos e sociais sofreram a consequência de se articularem. No decorrer das páginas é possível nos aproximarmos dos relatos, sentindo na carne a dor daquelas mulheres que em muitas vezes de maneira solitária resistiram à dor, passaram por situações constrangedoras, mas que ainda assim, frente ao desespero se empoderaram e se mobilizaram frente à defesa de seus direitos, ocupando espaços proibidos e transpondo fronteiras que se apresentaram muitas vezes inflexíveis.

Na segunda parte do livro, intitulada “*Trabalhadores entre memórias e identidades*”, contou com três textos que problematizaram as relações trabalhistas, reavivaram as ações de trabalhadores favelados e promoveram a compreensão de um período autoritário que reservou a uma parcela de trabalhadores operários memórias esquecidas e silenciadas, mas que ao serem retratadas puderam potencializar a força do movimento sindical e social durante a ditadura.

No decorrer do texto “História oral e movimentos sociais: A memória ferroviária em questão” (pág. 57), de autoria de Andrea Casa Nova Maia, foram problematizados os processos de desestatização das ferrovias brasileiras, em que uma parcela de trabalhadores vivenciou o desmonte de direitos e a desativação da rede ferroviária.

Já no texto “A noção de comunidade e os movimentos de ‘trabalhadores favelados’ do Rio de Janeiro e Belo Horizonte” (pág. 75), de autoria de Samuel Silva Rodrigues de Oliveira, buscou-se refletir acerca da noção de comunidade no que se refere ao coletivo de moradores e das localidades identificadas como favelas.

Por fim, no texto “Trabalho, memória e identidades: Os usos do passado na experiência da Cidade do Aço” (pág. 95), de autoria de Marco Aurélio Santana e Alejandra Estevez, os autores ressaltaram a ausência de uma política de preservação documental sindical, que em muitas vezes foi ferramenta proposital para que houvesse um apagamento da memória de grupos sociais, visto que a perseguição sofrida pelo movimento operário e

popular no Brasil ao longo da história foi silenciado com a intenção de permanecerem obscurecidas as perseguições que estes trabalhadores sofreram.

Em ambos os textos os trabalhadores são o foco central das narrativas, suas lutas, os conflitos vivenciados, as demandas e os interesses da época foram retratados a partir do detalhamento das memórias, em que tantos os pontos fortes quanto os pontos fracos dos movimentos sindicais puderam ser reconstruídos em virtude da experiência dos trabalhadores.

Na terceira e última parte, intitulada “*A construção de acervos: Narrativas públicas*”, contou com dois textos que refletiram acerca da construção compartilhada de acervos.

No texto “Um acervo de depoimentos sobre a luta e resistência contra a ditadura militar: Questões teóricas e metodológicas” (pág. 119), de autoria de Maria Paula Araújo, foram tratadas as questões políticas da memória e justiça de transição que dentre vários questionamentos se refere, segundo a autora, a um conjunto de procedimentos jurídicos e políticos implementados pelo Estado para que haja uma nova situação política e moral que se deu após a transição de um regime discriminatório e violento.

Ao tratar do acervo da ditadura militar, a autora acredita que a manutenção desse acervo poderá contribuir para que as pluralidades das narrativas históricas sejam preservadas. Além disso, os relatos das experiências de prisão, torturas, clandestinidade retratam como homens e mulheres lidaram com a opressão e violência sofrida.

No texto “Movimento ecológico e história oral: Das narrativas públicas à análise do acervo ‘Lideranças ambientalistas em Niterói’” (pág. 135), de autoria de Juniele Rabêlo de Almeida e Cainã Gusmão, apresentou o mapeamento realidade acerca da diversidade das propostas, práticas e atores sociais envolvidos nas lideranças ambientais de Niterói. Como recorte, foi retratado o período de 1980 a 1990, subdividido em documentos produzidos pelo movimento ambientalista e pelos documentos da cobertura da imprensa sobre o movimento.

Mediante o uso da história oral as narrativas públicas permitiram a construção de debates no que tange a significação das reivindicações e disputas socioambientais dos sujeitos coletivos e da história dos movimentos ecológicos, construídas a partir dos relatos orais compondo dessa forma, a memória coletiva.

Sem dúvidas, “História oral e movimento social: Narrativas públicas” é um livro que reuniu lembranças e esquecimentos que foram retratados oportunizando que questões históricas pudessem ser revisitadas, ao passo que deram espaço para que sujeitos e coletivos pudessem ter voz por meio de fontes orais.

Recomenda-se a leitura do livro para pesquisadores que desejam fazer uso da metodologia de história oral em suas pesquisas, tal como demais interessados que buscam se aprofundar nas questões que envolvem memória, identidade e relatos orais.

*Recebido em 27 de abril de 2020.  
Aceito em 08 de junho de 2020.  
Publicado em 24 de junho de 2020.*